

“Rita escreveu coisas que as pessoas precisavam ouvir”

Assim Ney Matogrosso se despediu da cantora e compositora. Lula decreta luto oficial no país, destacando pioneirismo da artista que desafiou o machismo e inspirou as mulheres

DANIEL BARBOSA

“Nas redes virtuais, alguns dirão: ‘Ué, pensei que a vida já tivesse morrido kkk’”. Foi assim que Rita Lee debochou de sua própria morte, nas memórias lançadas em 2016. “Tás, esses sinceros, empunharão meus discos e entoarão ‘Ovelha negra’”, previu no livro “Rita Lee: Uma autobiografia”. Aos 75 anos, a estrela mais brilhante do rock nacional se foi nesta segunda-feira (8/5), depois de lutar contra o câncer de pulmão. Morreu em casa, em São Paulo, ao lado da família.

Nesta quarta-feira, o velório, no Planetário do Parque Birapuera, na capital paulista, será aberto ao público das 10h às 17h, informou a família. O show de despedida de Rita ocorreu em 2013, no Vale do Anhangabá, em sua querida São Paulo, depois da confusão da qual que seria a última apresentação. Em Aracaju, em 2012, Rita xingou PMS ao vê-los revistando fãs. Foi presa por desatocar a autoridade. Em BH, ela se apresentou pela última vez em 2010, no atual Arena Hall.

CÂNCER A cantora e compositora recebeu o diagnóstico de câncer de pulmão em 2021. Chegou a anunciar, em abril de 2022, que a doença entrara em remissão. No último 15 de abril, em casa, foi às lágrimas ao assistir ao programa “Altas horas” (Globo) dedicado a ela. Posts no Instagram do marido, o músico Roberto Carvalho, mostravam Rita abatida pela doença, mas brigando pela vida.

Juntos desde 1976, Rita e Roberto, de 70 anos, tiveram três filhos — Beto, de 46, João, de 44, e Antônio, de 42. Ela tinha dois netos: Izabella, de 17, e Arthur, de 5. Reclusa há vários anos, era orgulhosa vovó coruja.

“Love you forever”, postou o músico Beto no Instagram. “Que vida intensa e espetacular você teve. Admiro a amada por tantos pessoas. Tão a frente do seu tempo. Você é sempre foi, a minha heróina”, despediu-se João.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva decretou três dias de luto oficial no Brasil. “Rita, agora falta você”, diz o comunicado de Lula. “Rita Lee, uma das maiores e mais geniais nomes da música brasileira. Cantora, composi-



Rita Lee toca flauta no Parque Municipal, em Belo Horizonte, em 1975. Cantora e compositora influenciou o pop mineiro

FABRÍCIO SANTAGÓ/IMAGEM PRESS/SP/2

traz, atriz e multi-instrumentista. Uma artista à frente do seu tempo, julgava inapropriado o título de Rainha do Rock, mas o apelido faz jus à sua trajetória”, disse o presidente.

Lula destacou o pioneirismo dela. “Enfrentou o machismo na vida e na música e inspirou gerações de mulheres no rock e no art”, comentou. Apoiadora do petista, Rita chegou a batizar o próprio tumor de “lair”, em referência a Jair Bolsonaro (PL), a quem ironizou várias vezes.

“Comadre Rita, Amibal, cabrinha, caprichosa capricorniana, amiga, Descansa, minha irmã. Amo você. Um abraço fraterno da família Gil nos meninos Roberto, Beto, João e Antônio, nos familiares e amigos e nos fãs, assim como eu”, despediu-se Gilberto Gil.

Marisa Monte disse que Rita Lee é “um farol, uma deusa, padroeira da li-

“Um farol, uma deusa, padroeira da liberdade, rainha, mestra, gênio e incomparável”

Marisa Monte, cantora, ao se despedir de Rita Lee

berdade, rainha, mestra, gênio e incomparável”. Nixta postou foto de mãos dadas com a cantora e compositora.

Ney Matogrosso lembrou a Rita vanguardista da Tropicália. “A primeira imagem que tenho dela é vestida de noiva, com a barriga de grávida. Eu vi e pensei: ‘Que menina transgressora’. Estamos falando de anos 60, onde uma noiva jamais poderia estar grávida”, lembrou. “Tinha uma inteligência privilegiada. Rita escrevia coisas que as pessoas precisavam ouvir”.

Milton Nascimento se despediu da amiga, postando o dueto que os dois fizeram em “Mania de você”, canção dela, no álbum “Acústico” (1998). “Muito triste com a partida da minha querida amiga Rita Lee. Todo o meu amor aos seus familiares nesse momento tão difícil. Descansa em paz”, escreveu.

MINAS Para a geração de grupos e artistas mineiros que despontou nos anos 1990, Rita Lee foi referência importante, ao equacionar o pop e o rock internacionais com a MPB. A saifa da qual fazem parte Pato Fu, Skank e Jota Quest abrasileirou o que vinha de herança dos anos 1980 e “rebobinou” o legado de Os Mutantes.

Em seus primórdios, o Pato Fu era comumente comparado ao grupo formado por Rita e os irmãos Arnaldo e Sérgio Dias Baptista. “Não era algo que partisse da gente — seria muita presunção —, mas realmente tinha isso, acho que pelo tipo de voz”, diz Fernanda Takai. “Tem também a relação dela de longo prazo com Roberto (de Carvalho). Hoje, eu e John somos dos poucos casais juntos há tanto tempo na história do rock brasileiro”, observa.

Fernanda se lembra de, aos 11 ou 12 anos, vê-la cantar no Mineirinho. “Foi o primeiro show de gente grande a que assisti, no começo dos anos 1980, ela já em carreira solo. Eu já tocava violão, e foi muito impactante. Vi o poder que aquela artista tinha ali, com 30 mil pessoas na mão”, diz.

Pato Fu incluiu músicas de Rita e Mutantes em seu repertório: “Qualquer bobagem”, “Meio desligado”, “Ovelha negra” e “Mienho bonito”, entre outras. “John já fez música para ela, que cantamos juntas. Rita sempre foi muito presente”, aponta Fernanda.

VIDEO Vocalista do Jota Quest, Rogério Flausino gravou um vídeo para se despedir de Rita Lee. “Foi a nossa rainha do rock, uma heroína que, no meio desse turbilhão de pessoas carentes e preconceituosas, chegou mostrando a força da mulher brasileira, defendendo isso como ninguém”, diz.

Ele ressaltou os diversos caminhos artísticos que Rita trilhou: o rock psicodélico dos Mutantes, o “pop perfeito da carreira solo, o fletido com a eletrônica, o diálogo com a bossa nova e a MPB. “Rita costurou tudo isso, mas sempre deixando sua marca, uma marca de força, seja discutindo assuntos corriqueiros ou falando de amor de um jeito extremamente peculiar”, afirmou Flausino. (Com Folhapress)

O mundo com ela sempre foi mais feliz

HELVÉCIO CARLOS

Foi no longínquo ano de 1980 que caí de amores por Rita Lee, de cara, aos primeiros acordes de “Lança perfume”. Não me lembro se foi pela música ouvida no rádio ou pelo clipe, aquele do ringue de patinação, exibido na TV. Só sei que foi amor à primeira vista. Claro que, antes de mim, havia a geração que a acompanhara n’Os Mutantes ou na Tutti Frutti.

Muito novo, eu morava no interior, onde notícias chegavam pela TV, rádio ou jornal. Não havia a profissão e facilidade de informação de hoje. Costava do som, da simpatia dela. Nem de longe sabia da importância fundamental da Rita Lee-defensora das mulheres, na contramão da carette nos anos 1960 e 1970. Época de um Brasil sufocado pela repressão.

Imagine cantar “me deixa de quatro no ato”, em “Lança perfume”, ou “vou fazer você ficar louco, muito louco, dentro de mim”, em “Perigos”, sucesso das Frenéticas.

Ontem, comentando sobre a morte de Rita, uma amiga, bem mais nova do que eu, disse que quando era jovem, os pais não a deixavam ouvir Rita Lee. Foi procurar o meu primeiro disco dela, clássico dos clássicos lançado em 1980, que tinha como faixa de trabalho “Lança perfume”, canção que a gravadora escolhera para divulgar o LP.

Armaários e guarda-roupas revidados,

“Sempre havia humor e carinho naquelas respostas, por mais simples que fosse a pergunta”

e nada. Foi presente de aniversário dos meus pais. Não trabalhava naquela época, não tinha como comprá-lo. Ouvir vinil era mais divertido do que os amigos reunidos. Sorzinho, não. Era quase um evento. Decidi levar o LP para casa de um vizinho, que de santo e bons modos não tinha nada. Sabe Deus por que ele rabisou a contraporta com a hídrex. Imaginem a minha ira. Logo o meu primeiro disco da Rita?

O tempo passou, vieram alguns blocos e trabalhos que garantiram minha coleção de discos, que por um tempo foi dedicada só à Rita. A cada lançamento, corria atrás a única loja de discos de Sete Lagoas em busca do vinil. Não era barato.

Pedia ao vendedor para ouvir-lo. Não queria pagar caro e correr o risco de levar alguma faixa arranhada para casa. Na maioria das vezes, era só desculpa. Quería, mesmo, me acostumar às canções que não eram executadas no rádio.

Foi no início dos anos 1990 que Rita ao vivo, frente a frente, no show de lançamento de “Bossa n’roll”. Sentado na primeira fila do setor 1, à esquerda do palco. Quando a cortina se abre, Rita surge de violão em punho cantando “Doce vampiro”, registro que guardo até hoje na memória.

Ela também curtia cinema, fez alguns filmes. “Dias melhores virão”, de Cacá Diegues, é o meu preferido. No elenco, outra grande paixão, Marília Pêra. Quando passou na TV aberta, gravei usando o aparelho de DVD — tecnologia de ponta na época, era nossa salvação para guardar coisas preciosas. A Rita de vestiar perdida entre meus guardados. Alegria, mesmo, veio quando, já repórter deste caderno, tive a felicidade de entrevistá-la. Nossos bate-papos por e-mail foram se repetindo ao longo dos anos e de vários lançamentos. Por incrível que pareça, a matéria de que mais gosto não tem uma linha de depoimento da Rita. Abordava o lançamento da caixa com 20 CDs de carreira remasterizados e outro de raridades. A gravadora disse que não havia entrevistas. Eu bem que insisti.

Rita, decidi colher histórias com uma



A foto carinhosa de Rita, com autógrafo, ao posar com Helvécio Carlos

ALCIBIO PESSONI

pessoa com quem você trabalhou a cada CD. Vou te contar, deu um trabalho do cão, mas foi legal demais ouvir mais sobre você dos amigos e colegas. A única frustração foi não conseguir entrevista com o taxista Elio Diário, que compôs para você músicas do disco “Build up”. Por decisão dele, que preferiu o silêncio.

O e-mail virou o seu aliado nas entrevistas. Muitos diziam que você fazia “tips”, outros, apontavam sua timidez nas entrevistas por telefone. Pouco importava. Sempre havia humor e carinho naquelas respostas, por mais simples que fosse a pergunta. A única coletiva de que participei ocorreu na turnê “Bossa n’roll”, no palco do teatro. Coisa raríssima hoje em dia. Euzinho estava lá. Ainda não trabalhava no Estado de Minas, mas, espertinho, me misturei aos repórteres das rádios, jornais e TVs.

Que saudade, Rita, das coletivas. Não só pelo prazer de ter o ídolo ali, cara a cara, mas também do encontro com os co-

legas de profissão. Mudanças existem desde a Idade da Pedra, mas está tudo muito rápido e estranho hoje. Coletiva de imprensa parece coisa de museu.

Nos encontramos em todas as suas temporadas aqui em BH, seu último show na cidade foi em 2010, no atual Arena Hall. A foto desta página mostra como éramos novinhos, cheios de esperança. Eu acreditava que as coisas seriam melhores e os idosos jamais morreriam. Quando poderíamos imaginar tanto descaço com a informação, com a ciência, a arte? Imaginar que aquelas dancinhas de TikTok virariam algo top. Desta palavra, aliás, só gosto na música d’Os Mutantes, a “Top top”. Muito antes de ela virar sinônimo de nada.

Minha tristeza é não ter mais esperança de conseguir aquela entrevista. Restam os discos, os livros e a saudade. É, claro, a obrigação de mostrar aos filhos de meus amigos que o mundo com Rita Lee sempre foi mais feliz.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Cultura **Página:** 3